



Director literario:

Arquibaldo Campa
PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

Director artistico:

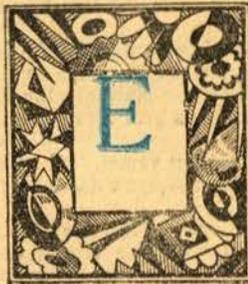
Eduardo Malta
PAPUSSE



As lágrimas da princêsa

Por MARIA GOMES M. CARRASCO

Desenhos de EDUARDO MALTA



ERA uma vez uma vèlhinha que vivia com seu rancho de patos numa triste montanha, onde tinha a sua casa. Em volta desta, havia uma grande montanha onde ia tódas as manhãs a vèlhinha arrimada ao seu bordão. Logo que ali chegava, a vèlhinha apanhava erva para os seus bichinhos, colhia a fruta das árvores e trazia tudo aquilo às costas. Parecia que tódo aquele peso lhe havia de cus-

tar, mas qual! trazia tudo muito direitinho para casa. Quando por acaso encontrava alguém no caminho, cumprimentava essa pessoa muito amavelmente:

— «Bons dias, meu vizinho, que bonito dia que está hoje! Está admirado de que leve êste peso às costas, mas cada um neste mundo deve trazer a sua carga».

Apesar disso ninguém gostava de encontrar a velha, e até muita gente dava uma grande volta sómente para a não vê; e quando um pai passava com um filho ao pé da velha, dizia-lhe logo: toma sentido, rapaz, com esta velha, olha que ela é velhaca como o demônio; é uma feiticeira. Uma manhã passava na floresta um môço bonito como as estrélas, lá muito alegre, cantando e pulando, quando viu, de repente, a velha abaixada a ceifar erva. Tinha já ajuntado um grande feixe, e ao lado dela estavam dois cestos cheios de pêras e maçãs bravas.

— «Ó tiazinha, — disse o môço, — então vocemecê pode com êsse peso?»

— «Então meu senhor, respondeu a velha; — os filhos dos ricos não sabem o que são êstes trabalhos, mas os pobres que remédio têm senão trabalhar! Quere o menino ajudar-me? É forte e novo, pouco lhe deve custar. Depois a





minha casa não fica longe daqui; olhe; fica ali por detraz da colina. É um instantinho».

O moço, que tal ouviu, ficou compena muita da mulher, e disse assim:

— «É verdade que meu pai não é um camponês, mas sim um conde; para que saibas porém que não são sómente os aldeões e trabalhadores que podem com os pesos, vou ajudar-te».

— «Ora ainda bem, isso vem mesmo ao pintar, exclamou a velha. Ouça, meu menino, tem ainda que andar uma boa hora, mas isso que importa? Levar-me-há também as pêras e as maçãs, sim?»

O fidalgo assim que ouviu que tinha que andar uma hora, não ficou lá muito contente, mas a velha é que não esteve com cerimónias; pegou no saco, pôs-lho às costas e dependurou-lhe nos braços as duas cestas de fruta.

— «Não pesa nada, não é verdade?»

— «Não pesa?! Pesa muito, mulherzinha — respondeu o fidalgo fazendo uma careta. O saco parece que tem pedras dentro e as maçãs e as pêras são como chumbo». E teve vontade de pôr tudo no chão, mas a velha não consentiu.

— «Ora vejam — dizia a velha, — olhem para isto; um mocetão como umas casas, não pode com um peso que eu todos os dias trago às costas, e mais eu sou uma velhinha! Em palavras ninguém é mais pronto em servir do que os fidalgos, mas quando se trata de obras, não temos nada feito. Deixemo-nos de brincadeira! Para a frente! Vamos! Ninguém já o livra deste peso!»

Quando o caminho era plano, ainda ia bem o caso, mas quando chegaram à montanha e que foi preciso subir, aí é que foram elas; o pobre fidalgo suáva, deitava os bofes pela boca.

— «O tiazinha, não posso mais, não tenho forças, deixe-me descansar um pouco».

— «Nada, nada; descansará mais tarde quando chegar-

mos a casa. Para a frente! Talvez que isso lhe faça bem e lhe seja útil».

— «O grande desavergonhada! — disse, então, o filho do conde. E quiz deitar ao chão o saco, mas este estava de tal modo preso às costas do fidalgo, que, por mais que lhe fizesse, não conseguia nada. A velha ria a bom rir e pulava, agarrada às muletas.

— «Não vale zangar, meu rico senhor; vamos, tenha paciência, quando chegarmos a casa, descansará e dar-lhe-hei uma cousa de que há-de gostar».

Não havia remédio senão continuar a andar. A velha ia muito esperta e parecia cada vez mais ligeira e leve; enquanto que o saco parecia cada vez mais pesado. De repente a velha deu um salto e encarrapitou-se em cima do saco; a-pesar de ser muito magra, pesava como se fosse chumbo. O fidalgo já não podia mais, e quando ia para parar, a velha batia-lhe com uma vara e com um molho de cardas. Chegou, afinal, a casa da velha. Assim que os patos a viram, começaram a correr para ela, com as asas levantadas e o pescoço erguido, *cuá, cuá!* Atrás do bando de patos vinha uma velha alta e forte, mas feia como a noite escura.

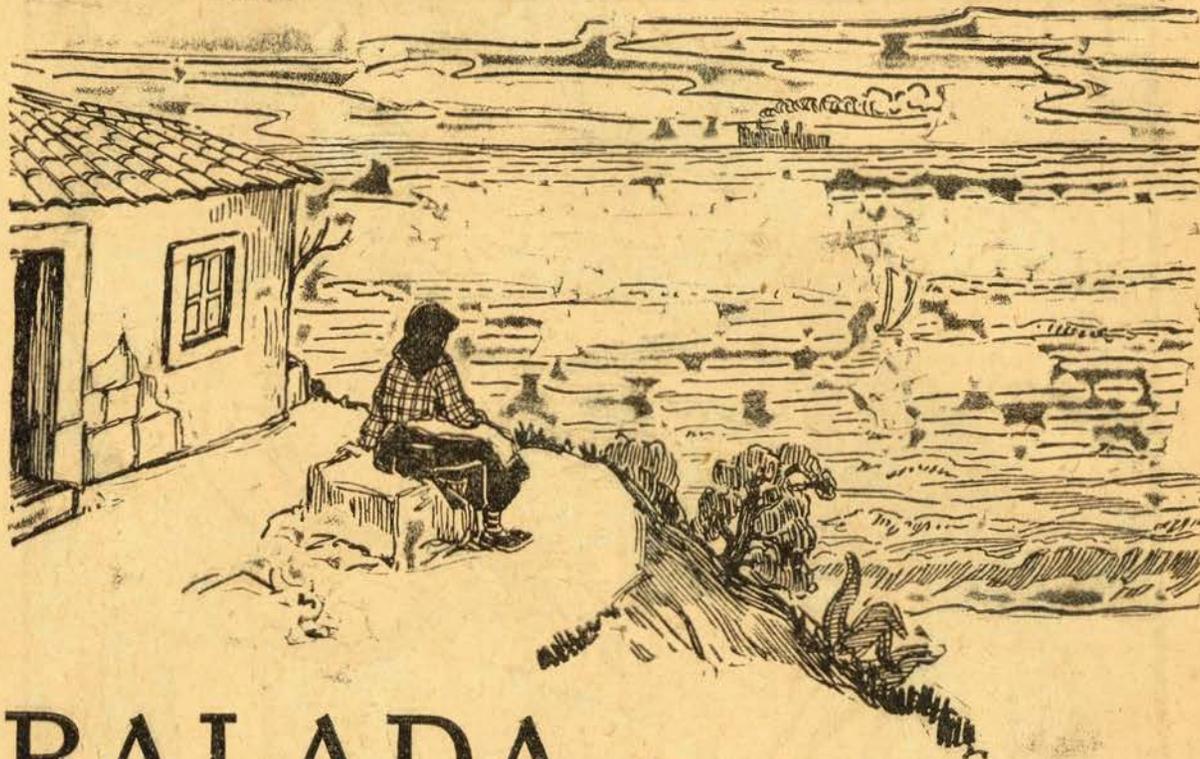
— «Aconteceu-lhe alguma coisa, minha mãe? Demorou-se mais do que o costume».

— «Não minha filha, nada de maior me aconteceu. Pelo contrário, encontrei este bom fidalgo que me quiz trazer o meu fardo, e como eu vinha cançada trouxe-me também às costas. Não nos custou nada a caminhada, porque víamos em conversa tódo o tempo».

Afinal a velha deixou-se escorregar até ao chão, tirou a carga das costas do fidalgo, tomou-lhe as cestas das mãos, e, olhando para ele com muito bom modo, disse-lhe assim:

— «Agora sente-se aqui neste banco, defronte da porta, e descanse. Ganhou honradamente o seu salário, sim senhor».

(Continua na página 4)



BALADA

por JAMES BROOK

Numa casinha branquinha,
pequenina, à beira-mar,
mora uma velha, vèlhinha
cheia de rugas, baixinha,
que passa a vida a cantar.

«Vinde ó ondas traiçoeiras,
vinde trazer meu nêtinho,
tão branco e pequerruchinho,
...filho das minhas canceiras!!!»

«Trazei-mo aqui a meus braços,
nem que seja um instantinho!...»
quero afogá-lo em abraços
e matá-lo com beijinhos!!

«Ai o meu lindo menino,
quem me dera agora ver!!
— apertá-lo nos meus braços
e, com êle no regaço,
devagarinho morrer»...

E a velha cantava assim,
tôda a noite, tôdo o dia;...
chamando por seu menino,
tão branco, tão pequenino,
seu lindo nêtinho, enfim...
...e êle não aparecia!

Fôra há anos... marinheiro
andava lá sôbre o mar...
emquanto, em terra, a avósinha,
cheia de rugas, baixinha,
passava as noites a orar!

...Um tremendo furação!!...
— rezava a velha anciosa...
mas, nisto,—Jesus! Senhor! —
sufocada pela dor,
cai a vèlhinha no chão,
Óh! que visão horrorosa!!

E desde então a vèlhinha,
desamparada, sòzinha,
vive demente, a chorar...»

—julgando ver seu nêtinho,
tão branco e pequerruchinho,
em cada onda do mar...»

Por altas horas da noite,
quando as estrêlas refúlgem,
lambe-lhe os pés a babúgem
das negras ondas do mar.
E a velha canta, a chorar,
umas canções doloridas,
tão tristes como feridas
abertas, sempre a sangrar.

Apiedada, uma ondinha,
num dia de temporal,
com carinho maternal,
levou consigo a vèlhinha;
E lá no fundo, no fundo
— com extremoso carinho! —
— lá muito longe do mundo,
a velha embala o nêtinho!!

■ F I M ■



(Continuado da página 2)

Depois, voltando-se para a guardadora dos patos, disse:

— «Va para casa, não é bonito que esteja aqui sósinha com um mção tão lindo! Não é bom deitar azeite no fogo, nada, que ele pode vir a perder-se de amor por ti... O filho do conde não sabia se havia de rir ou chorar».

— «Ora esta! Então não querem vêr a noiva que a velha me quere dar?»

A velha, porém, fez festas aos patos, e entrou em casa com a filha. O fidalgo deitou-se num banco à sombra de uma macieira brava. O dia estava lindíssimo, e, ao longe, desdobravam-se uns campos muito grandes, muito grandes, esmaltados de flôres. No meio corria um regato em cujas ribanceiras passeavam os patos. Que bonito sítio é este! disse o fidalgo — mas estou tão fatigado, que não me posso ter em pé. Vou dormir um bocadinho. Quando acabou de dormir, a velha disse-lhe:

— «Toca a levantar! Não podes ficar aqui. Afli-gi-te, bem sei que te afli-gi, mas nem por isso morreste. Agora vou dar-te a paga do teu trabalho; não é dinheiro, é uma outra cousa». E deu ao fidalgo uma caixinha aberta, com uma esmeralda.

— «Guardá-a bem guardada. Não-de dar-te felicidades».

O filho do conde ergueu-se, pegou na caixinha e partiu sem voltar os olhos para trás; Ao longe ainda ouvia o grasnar dos patos. Andou muito, muito, e perdeu-se no caminho durante três dias, até que chegou, enfim, a uma cidade onde não conhecia ninguém. Pediu para falar ao rei e achou o rei e a rainha sentados no trôno. O filho do conde ajoelhando, tirou da algibeira a caixinha e colocou-a aos pés da rainha. Ela mandou-o levantar; vai, depois, elle mostrou-lhe a caixinha. A rainha assim que pôs os olhos na caixinha caiu desmaiada. Imediatamente os guardas do palácio prenderam o filho do conde, que ia já para a cadeia, quando a rainha, que já estava melhor, ordenou que o soltassem, e que o deixassem sósinho com ela. Quando se viu só com o filho do conde, a rainha começou a chorar como uma fonte:

— De que me servem estas riquezas e honras que tenho, se tôdas as manhãs acordo ralada de desgostos e de

cuidados. Tive três filhas, das quais a mais nova era tão bonita que cegava a gente com sua beleza. Era branca como a neve, rosada como a flôr da macieira, e os cabelos pareciam raios do sol. Quando chorava não eram lágrimas que lhe caíam dos olhos, mas sim pérolas e pedras preciosas. Quando completou quinze anos, o rei mandou chamar tôdas as filhas à sala do trôno. Tôda a gente ficou de boca aberta quando a mais nova entrou. O rei disse assim:

— Minhas filhas, não sei ainda quando deixarei de viver; em tôdo o caso quero dispôr dos meus bens, que hão-de receber depois da minha morte. Eu sei que tôdas três me estimam, mas aquela que fór mais minha amiga será a que receberá melhor parte da minha herança.

As filhas começaram logo a exclamar que gostavam muito e muito do pai. — Mas vamos a saber, como é que gostam de mim?

— «Eu—disse a mais velha —gosto do meu pai como do açúcar». E a do meio respondeu: — Gosto do meu pai como do mais rico vestido». Mas a mais nova ficou sem dizer nada.

— «E tu, perguntou o rei, como é que gosta de mim?— Não sei, meu pai, a nada posso comparar a amizade que lhe tenho. Mas dize, anda, vê se achas alguma palavra que exprima o teu sentimento.

— «Olhe, meu pai, a comida não presta sem sal; pois bem, gosto do meu pai como do sal».

Quando o rei ouviu tal comparação, ficou cheio raiva, e disse assim:

— «Visto que gostas de mim como do sal, será com sal que recompensarei o teu amor».

Dividiu o reino entre as duas mais velhas, e, quanto à mais nova, pôs-lhe um saco de sal às costas, e mandou-a para o mato. Só o que nós tôdos chorámos! — disse a rainha, — mas nada pode fazer mudar de opinião o rei. Ela cotidianha, chorava, chorava, quando se despediu de nós. Em tôdo o caminho foi semeando o chão de pérolas que lhe caíam

dos olhos. O rei, por fim, arrependeu-se da sua crueldade e mandou procurar a menina por toda a parte mas não a acharam. Quando penso que talvez os bichos a comessem não posso consolar-me. E, depois, é possível que ela ainda viva, e que esteja escondida numa caverna da mata, onde algumas pessoas caridosas lhe dessem agasalho. Agora imagine o que eu senti quando abri a sua caixa de esmeralda onde estava uma pérola, tal qual como as que saíam dos olhos da minha filha.

Diga-me, conte-me como foi que achou essa pérola. O filho do conde contou-lhe, então, que tinha recebido aquela caixa de uma velha que lhe parecia feiticeira, mas que nunca ouvira falar na princesa. O rei e a rainha resolveram ir ter com a velha, julgando que esta lhe poderia dar informações da filha. A velha, nessa tarde, estava sentada à porta, fiando na sua roca. Começava a cair a noite, quando, de repente, se ouviu barulho e os patos começaram a grasnar *cud! cud!* dirigindo-se para casa. Daí a pouco a filha da velha apareceu e entrou em casa. Depois de falar com a mãe, sentou-se ao pé dela, pegou na sua roca, e começou a fiar.

Fiam, fiam durante duas horas a seguir, sem dizer uma palavra. Afinal sentiu-se barulho ao pé da janela e viram-se brilhar dois olhos, dois grandes olhos muitos vivos. Era uma coruja que gritou três vezes; hu, hu, hu! A velha, então, disse para a filha:

— «São horas, minha filha, vai à tua vida!»

A mulher levantou-se e saiu. Onde iria?!

Longe, muito longe no prado, foi andando, foi andando, até que chegou a uma fonte, perto da qual se viam três carvalhos e onde fazia um luar muito e muito e muito bonito. A filha da velha tirou, então, uma pele que lhe cobria o rosto e inclinando-se para água começou a lavar-se. Quando acabou, mergulhou a pele na água e sentou-se na erva: depois estendeu-a, para que ficasse branca ao luar.

Mas que mudança, que mudança! Quando ela despreendeu a trança esbranquiçada, rolaram-lhe pelos ombros, e cobriram-lhe o corpo todo, os cabelos dourados, brilhantes como

o sol. Os olhos eram como as estrelas, e as faces tinham a cor rosada como a llôr da macieira. Mas a rapariga estava triste. Começou a chorar. As lágrimas caíam-lhe dos olhos, e rolavam-lhe por entre os cabelos, indo molhar e chôr.

Estava ali e demorar-se hia mais tempo, se não ouvisse o estalar de uns ramos. A rapariga deu um salto e pôs-se em pé.

Entretanto passou uma nuvem que encobriu a lua, e a rapariga teve tempo para se cobrir com a pele, desatando a correr como se fosse levada pelo vento, chegando daí a pouco a casa, a tremer como varas verdes:

A velha estava à porta, e quando a filha lhe ia contar o que lhe sucedera, ela disse-lhe: — «Já sei tudo!»

Depois levou-a para casa e deitou fogo a uma acha. Mas não foi assentar-se de novo a fiar; pegou numa vassoura e começou a varrer. — «Quero tudo bem asseado e arranjado».

— «Mas, minha mãe, para que é que hoje começa a trabalhar mais cedo do que o costume? Para quê?!»

— «Sabes as horas que são?» perguntou a velha.

— «Ainda não é meia-noite, respondeu a rapariga, mas já passa das onze horas.»

— «Ainda não pensaste que faz hoje três anos que estás comigo? O teu tempo acabou, não podemos continuar a viver juntas.»

— «O que die minha mãe! Pois vai expulsar-me? Para onde hei-de eu ir? Não tenho amigas nem sítio onde ache abrigo. Fiz tudo quanto me mandou e sempre me disse que nunca lhe dera um desgosto; porque é que me quer mandar embora?!»

A velha não queria dizer o que ia acontecer. — «Não posso ficar aqui mais tempo, mas quando deixar esta casa quero-a deixar muito asseada, Não te metas com a minha vida. Nem mais uma palavra. Quanto a ti, descança e sos-



sega! Acharás um tecto que te abrigará, e ficarás contente com a recompensa que vou dar-te.»

— «Mas diga-me o que vai suceder?» Tornou a dizer a rapariga.

— «Repito-te, não metas com a minha vida. Vai para o teu quarto, tira a pele que te encobre o rosto, e veste o teu vestido de seda, o mesmo que trazias quando entraste aqui. Demora-te por lá até que eu te chame.»



E o rei e a rainha? O que tinha sido feito d'êles? Tinham partido com o filho do conde para ver se encontravam a velha.



O filho do conde separou-se d'êles no meio da noite, e viu-se forçado a continuar sózinho o seu caminho; foi andando, andando... até à boca da noite.

Quando anoiteceu, subiu a uma árvore para aí passar a noite, porque tinha medo de se perder.

Quando a luz encheu de claridade os bosques e a estrada êle os viu uma criatura descer da montanha.

Não trazia bordão; o filho do conde reconheceu logo que aquela mulher era a mesma que êle tinha visto a guardar os patos na casa da velha.

— «Ainda bem, disse o filho do conde — cá tenho uma

(Continua na página 8)

PALAVRAS CRUZADAS

Adivinha

HORIZONTAIS

2, tumor, também chamado arrieira; 3, (bras.) sinhá; 5, adquirir com grande trabalho; 6, aeri' fico; 9, alto aí!; 11, batráquio.

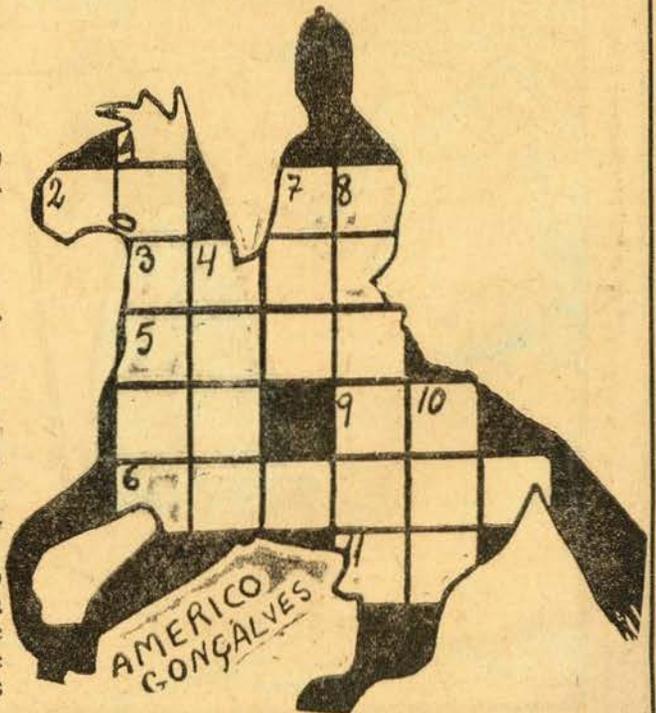
VERTICAIS

1, corisco; 4, acto público; 7, camareira; 8, pessoa que sofre muito; 10, ocasião.

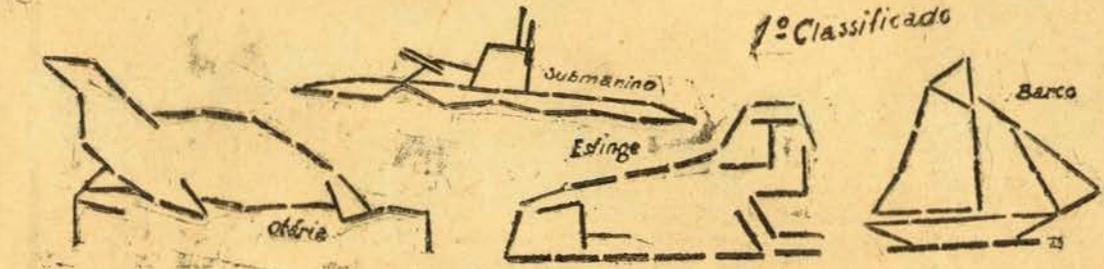
«História de um cão»

Pela terceira vez, desde que dirigimos o *Pim-Pam-Pum*, a nossa boa fé foi ludibriada.

O conto *História de um cão*, inserto no nosso número anterior, cuja publicação nos foi solicitada por António Correia de Sá, é de autoria da ilustre escritora D. Maria O'Neill e não daquele que, se é criança ainda, bem merecia um par de açoitos ou, se já adulto, uns meses de cadeia.



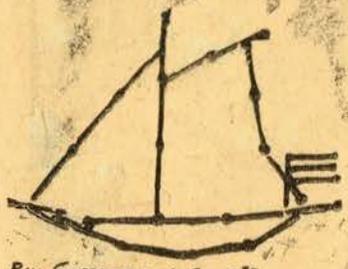
Concurso de Desenhos com Fósforos



1º Classificado

2º
CLAS-
SIFI-
CADO

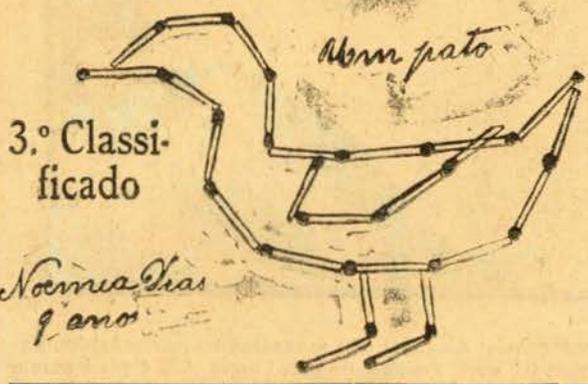
Desenho do menino João da Gama
Pimentel Barata



R. Gimenez da Quinta
10 anos

Além dos nomes que já publicamos no nosso número anterior, merecem, também, uma honrosa referência os meninos:

Rui Emidio Guedes Salgado, Fernando A. Oliveira Febrés, Francisco Carlos R. M. Fonseca, José Augusto Mira Galvão, Pauleto de Sá Santos, António Mendes Marques, Maria Candida C. Araujo, Orlando Leite, Mário Paixão Marques, Maria Fernanda Pereira Tuna, José Gonçalves Torres, Fernando Casanova, Maria Antonia de Azevedo, Manuel Correia, António Domingues Pereira Junior, Alberto João Morte, Joaquim Severo Alves, Alberto Ribeiro Varela, Armando Belem, Luiz G. M. de Albuquerque, Francisco Frias dos Santos Galhardo, Pina Araujo, Pedro Sidónio, Henrique Coimbra de Almeida, Luis José de Oliveira, David Batista Pego, Maria Julia de Amora, Julieta Macedo, João Conceição Silva, Herminio Adriano Jesus Almeida, Manuel C. D. Machado, Inocencio Galvão Teles, Fernando Guedes Salgado, Luis Miguel Veiga das Neve Carneiro, Maria Manuela da Veiga Neves Carneiro, Fernando Sousa Salgado, João da Silva Guerra, Rogério Figueiredo Simões, Manuel Rodrigues Monteiro de Azevedo, Maria de Lourdes Cavaco B. Costa, Candido José Ferraz, Satanás e Maria Virginia de Azevedo.

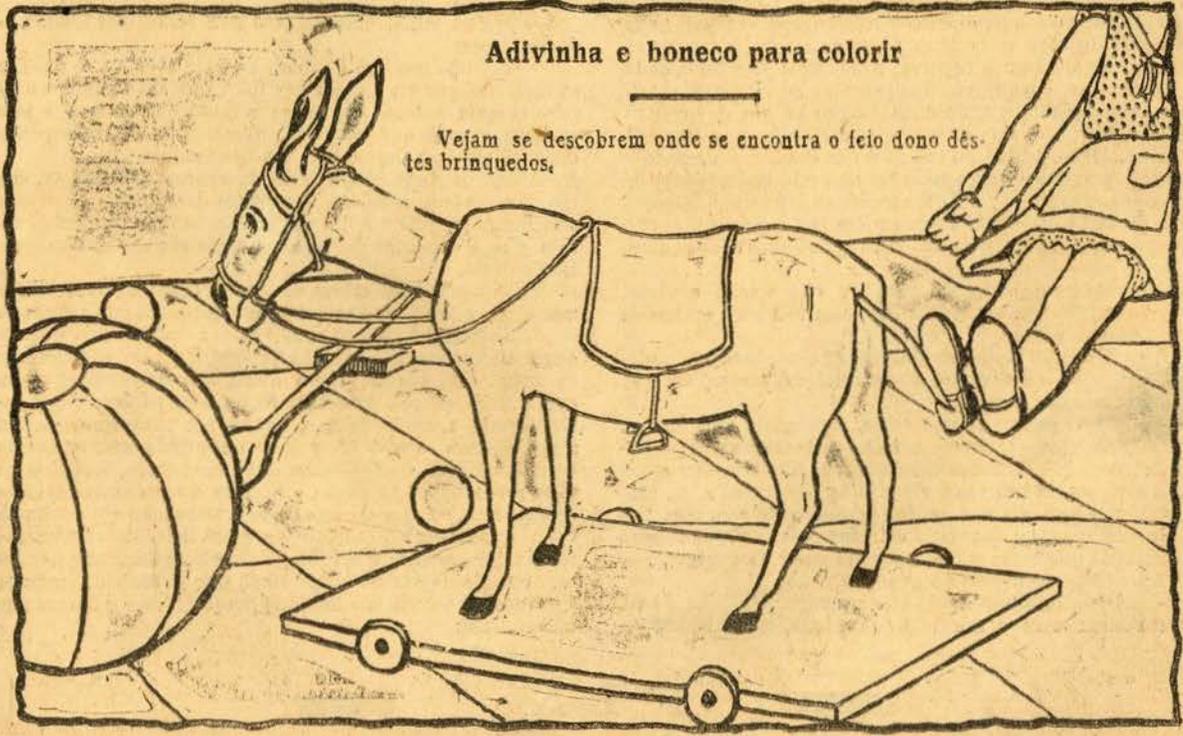


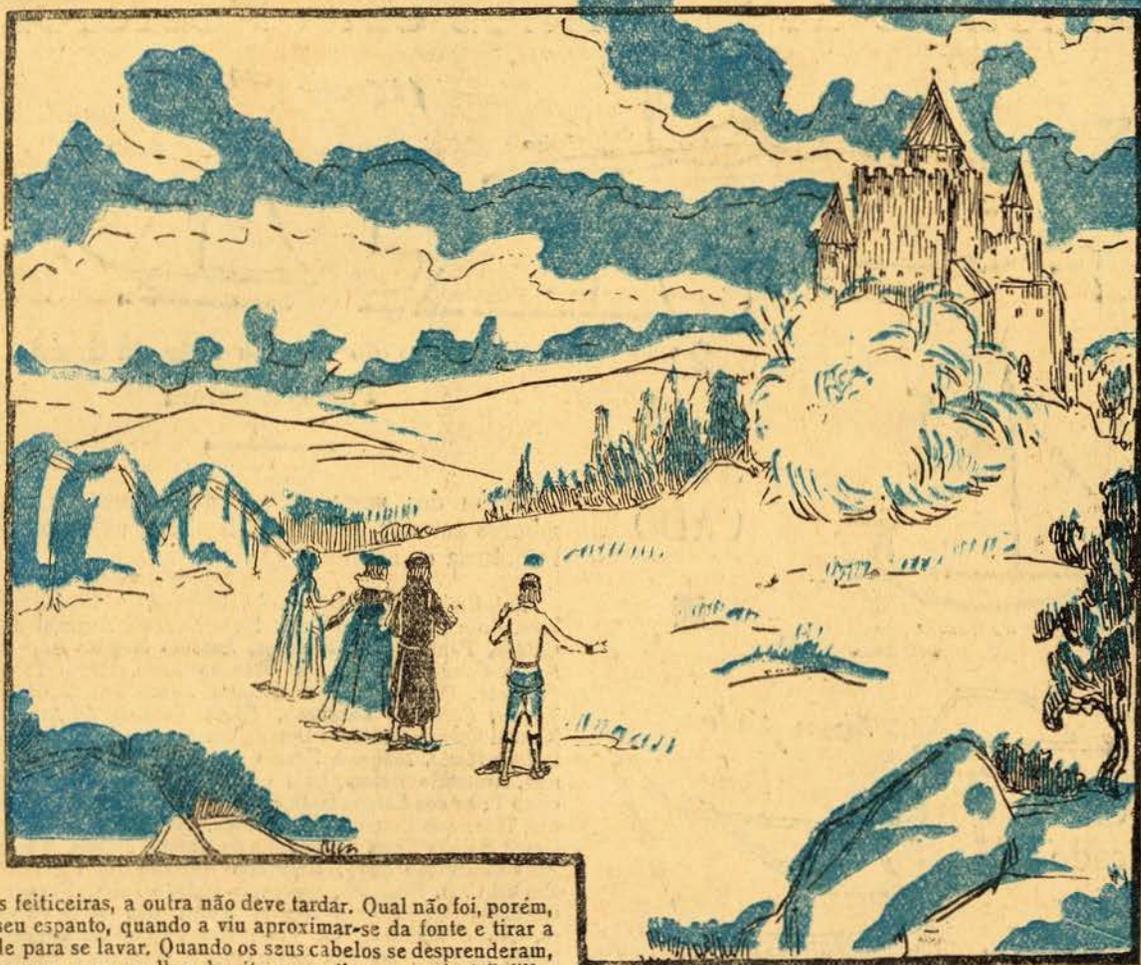
3º Classificado

Naima Dias
9 anos

Adivinha e boneco para colorir

Vejam se descobrem onde se encontra o feio dono destes brinquedos.





das feiticeiras, a outra não deve tardar. Qual não foi, porém, o seu espanto, quando a viu aproximar-se da fonte e tirar a pele para se lavar. Quando os seus cabelos se desprenderam, apareceu uma mulher bonita como ele nunca vira! O filho do conde nem respirar queria com medo de a assustar. Estendia o pescoço através da folhagem, tanto quanto podia e olhava para a criatura sem poder tirar dela os olhos.

Ou fosse porque se inclinasse demais, ou fosse por qualquer outro motivo, um ramo estalou de repente; logo, no mesmo instante, a rapariga deu um salto, e, como então a lua se encobrisse, o filho do conde não pode ver por onde ela fugia. O pobre moço desceu logo da árvore, e foi a correr ver se podia alcançar a fugitiva. Ainda bem não tinha dado alguns passos, quando viu duas pessoas que vinham caminhando pela planície: eram o rei e a rainha, que de longe tinham visto luz na casa da velha, e para ali se dirigiam. Contou-lhes, então, o filho do conde o que lhe tinha sucedido, e eles logo pensaram que aquela menina não podia deixar de ser a sua querida filha. Então foram andando até chegar a casa da velha. Os patos dormiam em redor da casa, com a cabeça escondida debaixo das asas, quietinhos muitos quietinhos.

Olharam para dentro de casa, por uma janela, e viram a velha, muito bem sentada a fiar, com a cabeça inclinada sem voltar os olhos.

A casa estava muito limpinha e asseada, mas não poderiam ver a filha. Estiveram a pensar algum tempo, até que resolveram bater à porta.

— «Podem entrar; disse a velha, com muito bons modos.

Quando eles entraram, a velha disse-lhes assim. — Tinha poucado esta longa caminhada se não tivessem mandado embora há três anos, a sua filha tão bonita e tão graciosa! Também ela não perdeu grande coisa com isso. Durante três anos tem guardado os meus patos, não aprendeu ainda coisa que fosse má, e está pura como as estrelas.

Aproximou-se depois do quarto e disse:

«Sai, meu anjinho!» Abriu-se uma porta, e a filha do rei saiu vestida com o seu vestido de seda, muito bonita, os

seus cabelos dourados e os seus olhos muito brilhantes. Parecia tal qual um anjo do céu. Correu para o pai e para a mãe e abraçou-os com muita alegria. O filho do conde estava a um lado, mas quando ela o viu, ficou vermelha como um botão de rosa, sem saber porquê. Vai o rei disse assim:

— «Minha filha, destinei já o meu reino, não tenho nada que te dar!

— «Ela não precisa de nada — disse a velha, — dei-lhe as lágrimas que ela chorou por tua causa. São outras tantas pérolas mais bonitas que todas as que estão no mar, e tem muito mais valor que todo o teu reino. E, como recompensa dos serviços que ela me fez, dou-lhe a minha casa.

Ao acabar de dizer isto, a velha desapareceu. Ouviu-se, então, um grande estrondo, as paredes da casinha, abalaram e caíram, e quando o rei, a rainha e a filha se voltaram, viram que a casinha da velha se transformara num magnífico palácio.

Na sala principal estava uma meza coberta dos melhores manjares, e em roda havia muitos criados que iam e vinham.

A história ainda continua, mas a minha avó que foi quem me contou, já não tinha a memória segura, esqueceu-se do resto. Eu, porém, creio que o filho do conde se casou com a filha do rei, que eles ficaram no palácio e que foram muito e muito felizes. Quanto aos patos que estavam ao pé da casa, e que eram nada mais nada menos do que outras donzelas que a velha tinha encantado, tomaram de novo a sua figura de gente, e ficaram como damas e criadas da princesa. O que é certo é que a velha não era nenhuma feiticeira, mas simplesmente uma boa fada. Provavelmente foi ela que concedera á filha do rei o dom de chorar pérolas em vez de lágrimas. Isso é moda que já acabou, senão os desgraçados seriam muito ricos, porque raro é o dia em que não choram.